

## ORAÇÃO NO CINQUENTENÁRIO DA UNIVERSIDADE

Oração proferida pelo Prof. Flávio Suplicy de Lacerda, na Assembléia Universitária em 19 de dezembro de 1962.

As dimensões verdadeiras e as consequências reais do acontecimento singular que aqui se verificou, aos 19 de dezembro de 1912, não podiam ser justamente avaliadas naquela oportunidade, nem no Paraná e muito menos nos resto do Brasil. Distanciados de meio século, porém, estamos tendo consciência nítida de que, naquela data, se inscreveu na história do Estado o mais relevante e significativo fato da nossa existência regional.

O Paraná, como Comarca, Província ou Estado, sempre foi zona de passagem, entre São Paulo e o Rio Grande, com o seu eixo desviado para direções alheias aos seus interesses econômicos. Esta fria realidade, marcante na nossa formação político-social, imprimiu no paranaense ressentimentos vivos, humilhações desencorajantes, conformismo e desconfiança, fatores negativos que contribuíram para que fôsse por demais longa a nossa permanência em atitudes estáticas, aferrados a costumes tradicionais e nos comportamentos sociais que criaram o complexo social da herva-mate. Reações esparsas, e que guardamos com respeito, apenas denunciavam a existência do que hoje se classificaria como processo espoliativo nacional contra os direitos e os interesses da região. Criou-se um movimento paranista, lírico, ingênuo e inoperante, que trazia das suas origens o grave erro de ter direção trocada, fazendo com que ainda mais fechados nos constituíssemos, em vez de orientar a nossa ação de dentro para fora, como convinha e se impunha, pela nossa condição de gente altiva, briosas, mas esquecida e injustiçada.

A Universidade, concebida e instalada em tal clima social, superou de muito as condições do Estado e, embora não pudesse, por consequência, ser compreendida há cinquenta anos, foi uma reação nítida e uma afirmação do valor que existia latente, no coração dos homens do Paraná. Por isso, a Universidade foi e é a mais legítima, a mais genuína instituição paranaense, erigida por nós e tirada do

mais íntimo do que em nós existia e existe, de devotamento e entusiasmo pelo Brasil. A Universidade foi movimento de libertação regional e de integração nacional.

Só assim é que se pode explicar, com lógica, o seu nascimento, que não foi um acaso, na vigência de um ciclo atrasado da nossa evolução, numa pequena Capital romântica, que já desconfiava, antes da lisonja do poeta, que tinha aparências faceiras de um sorriso, e com isso se contentava e até se orgulhava. Mas se assim se explica o nascimento, quase do mesmo modo se deve compreender a existência dos homens, tantos e tão ilustres, fundadores da instituição, pioneiros do ensino universitário brasileiro. Os homens, cujos nomes estão inscritos em monumento hoje inaugurado, sem preocupação de primazias ou de destaques, que a História não permitiria em comemoração de acontecimento que tem dimensões muito maiores do que as de um ente humano, êstes foram superiores ao tempo em que viviam, e não podiam ser vistos e julgados assim, senão distanciados de nós, por tantos anos, anos que nos deram a capacidade de julgar, a tudo e a todos, na sua real e magestosa grandeza.

Dois paranaenses se colocaram no comando do grande grupo que deu ao Paraná a glória que o Brasil hoje comemora, porque é legitimamente sua, quanto legitimamente é, o Paraná, um pedaço do Brasil. Não somos nós, hoje, que os estamos colocando os dois na vanguarda, mas foram os próprios fundadores que deram a êles a direção superior, porque sentiram que se destacavam por predicados de exceção.

Dois homens, que o Paraná já respeitava e admirava, dois paranaenses, um vindo das praias do litoral, de Paranaguá, outro dos campos da Lapa, como que nascidos com o destino de apertarem os vínculos do Paraná, nos laços de uma Universidade. Temperamentos inteiramente antagônicos, que só tinham de comum a coragem e a dedicação à causa pública, completaram-se numa unidade milagrosa. No homem da antiga Vila Nova do Príncipe, preponderava a cautela, o bom senso, o equilíbrio, a bondade, virtudes auridas na vida crua dos campos, na qual a simples necessidade de fixar horizontes sem fim, imprime o hábito da ponderação e da prudência. O outro era a ação incontida, o dinamismo, a inseqüência das ondas do mar, tinha a irreverência das vagas e nele os defeitos se transformavam em virtudes, pela grandeza da sua estatura. Victor do Amaral e Nilo Cairo.

Em poucos meses, como que insubordinados ante a demora de receberem a carta que lhes reconheceria o direito ao triunfo, os vitoriosos da grande vitória social puzeram em funcionamento a Universidade do Paraná. Desde a sessão solene de fundação, no edifício da Assembléia Legislativa, jamais os poderes do Estado deixaram de viver a vida da Universidade, pois embora ninguém pudesse dizer

por que, sentia-se que se havia inaugurado uma vivência nova, levantando o Paraná para as altitudes que lhe eram próprias e devidas.

A história, entretanto, tinha aqui desígnios recônditos e, já em 1918, desabou sôbre nós a incompreensão e fomos simplesmente espoliados. Existiam no Brasil escolas e faculdades isoladas, nos moldes francêses por nós adotados e seguidos, decorrentes do colonialismo intelectual, sem nenhuma autenticidade brasileira, em que vivíamos. Não se tinha ciência e nem consciência universitária. Como as criações novas deviam ser reconhecidas medindo-as mediante comparações com faculdades padrões, e como não havia Universidade de referência, ao em vez de se considerar a nossa, por Direito e por Justiça, como padrão oficial, foi-nos imposta, para descrédito da nossa cultura, a inacreditável pena de se desintegrar a Universidade em faculdades isoladas.

Desmembrada por fôrça de lei, jamais, porém, deixou de existir, no espírito e até de fato, a Universidade do Paraná. Somaram-se sacrifícios aos limites da nossa capacidade de sofrer, e o inconformismo nos alimentou e deu vida. O Paraná não abriria mão da sua Universidade, porque não representava nada que se comparasse às fantasias de uma instituição sem substância, mas era sentida como a resultante de fôrças telúricas irresistíveis. Não deixou de existir, ninguém sabe como conseguiu resistir, mas o que se sabe é que as faculdades e os professôres fizeram um círculo de defesa, e no seu centro colocaram o homem bom, prudente, cauteloso e persistente, que aí ficou servindo de marco de direção, de união, ouvido e respeitado. A Universidade passou a ser personalizada na pessoa de um homem que ficou sendo como um pinheiro, a aumentar a sombra à proporção que envelhecia, gloriosa e silenciosamente. Tinha êle tradições próprias, genuínas, autênticas do Paraná: vinha de uma família de tropeiros, das que estabeleceram o terceiro ciclo da nossa existência. Um dos seus avós era o Major Atanagildo Pinto Martins, descobridor dos Campos de Palmas. Aqui temos, novamente descrito, com outras virtudes, Victor do Amaral.

Em 1946, existiam outras universidades, a de São Paulo, a do Brasil, esta com um nome demonstrativo da nossa inexperiência, pois do Brasil também era a nossa e tôdas as outras, nacionais. Oficialmente, foi reestruturada a do Paraná, sob o comando de outro paranaense ilustre, que vinha de 1912, portador das mais caras tradições, João Ribeiro de Macedo Filho, o segundo Reitor, infelizmente logo levado do nosso convívio, ficando a Universidade entregue a uma geração nova de professôres.

Tivemos, os da geração nova, a ventura de receber os seus conselhos, sempre construtivos, de aprendermos de perto os seus ensinamentos, sempre ponderados e judiciosos, de nos entusiasmos com o seu entusiasmo. Não nos esqueceremos daquele Macedo, que teve o destino de entregar aos moços, intacto e vivo, o espírito pio-

neiro de 1912. Foi como um facho olímpico, que o atleta heróico em trega, num último arranco, para depois morrer. Mas antes entrega, cumprindo a sua missão.

A história havia marcado, com datas certas, as suas repetições contra nós, e deixamos, por isso, de figurar na mensagem com a qual o Poder Executivo Federal propunha ao Congresso a estruturação do ensino universitário no Brasil. A Universidade clamou o povo, o Govêrno, os professôres, os estudantes para aqui vindos de todos os cantos do Brasil, e foi exigir o reconhecimento de um direito, sem chapéu para não o pegarmos na mão, e então, pela primeira vez, fomos ouvidos e atendidos, e a Universidade do Paraná foi federalizada. Na campanha, de asperezas, muitos se tornaram beneméritos. Não citaremos nomes de vivos, porque êstes só adquirirão direitos em 19 de dezembro do ano 2.012.

Registra-se assim a nossa tradição, que hoje devemos enaltecer. Para isso, entretanto, é preciso que nos capacitemos de que adquirimos o direito de falar em tradição. A tradição, por sí, de nada vale, é um fator estático, inerte, que apressa a ruína dos povos decadentes. Assume, porém, proporções nem imagináveis, quando é compreendida e sentida como fator de vida, quando é acrescida a cada passo, quando é guia e esclarecimento para as ações presentes e para a projeção segura e justa do futuro. O valor da tradição está, portanto, em nós e não nela, porque é o resultado de sacrifícios feitos para nós, de exemplos, de dedicações que os seus formadores não aproveitaram para êles. A tradição se eleva quando há altura para compreendê-la, e então vive e orienta, e vale porque tem movimento próprio e capacidade de impulsionar.

Podemos estar comemorando hoje o nosso cinqüentenário, podemos evocar a memória dos homens que foram pioneiros, podemos porque não paramos, porque não desrespeitamos, podemos comemorar porque a instituição aqui está ativa, dinâmica, evoluindo sem se deter, porque a Universidade do Paraná é hoje, passados cinqüenta anos das mais difíceis lutas, uma das principais universidades da América Latina. Esta verdade é que constitui a maior homenagem que poderia ser prestada à memória dos homens de 1912, e esta é a homenagem que prestamos a êles, dando vida e sentido às nossas tradições.

Mas não basta. A homenagem deverá ser ainda mais ampla. É preciso, hoje, marcar escalões para a passagem do facho que o Macedo ilustre nos entregou, como êle fez, como Victor do Amaral e Nilo Cairo fariam.

A Universidade recusa as torres de marfim. Acaba de liderar campanha nacional em defesa da autonomia universitária, superando-se para chegar, com a sua influência, com o seu pensamento, ao povo inteiro do Brasil. Enquanto tivermos o que dizer, diremos. E dizemos

que não queremos nos proteger, sem ação, sob a vitaliciedade da cátedra, em baixo de uma cúpula, porque assim ela cairia sobre as nossas cabeças. Defendemos a cátedra garantida pelas precauções constitucionais porque, se assim não fôr, de nada valerá a nossa autonomia, e sem esta não haverá Universidade e desaparecerá a Nação, com a destruição da nossa vocação de liberdade. Dizemos que não pretendemos senão a Universidade aberta, para que a nossa voz seja ouvida pelo povo, para afinarmos a nossa capacidade de sentir os anseios do povo, para presidirmos ao desenvolvimento da nossa sociedade, para emitirmos, também, um pensamento político, sem compromissos estreitos, porque êste é um dos deveres iniludíveis da Universidade moderna. Não há mais lugar para os fracos se refugiarem, para os dúbios com as suas velas de dois pavios, para os de más intenções, que procuram alicerces para minar e trair, porque a Universidade se abriu, para estender uma planície democrática.

A Universidade, concebida em termos atuais, não tem exercício político, que a desvirtuaria e lhe tiraria a sua superior autoridade, mas sendo um centro vivo e dinâmico, não pode se abster de um pensamento político construtivo, livre e amplo. Ao comemorar, por isso, acontecimento tão marcante na vida regional e na história cultural da Nação, no momento em que somos nós, brasileiros, setenta milhões de aflitos, é preciso que a Universidade fale, para nos redimir com a confissão de uma culpa coletiva, que não queremos que em nós seja aumentada porque, devendo orientar, nos omitimos.

O Brasil precisa da nossa Universidade, na mesma proporção em que precisa do Paraná, porque o Paraná e sua Universidade são um todo inseparável, unidos por desenganos, por injustiças e até pelos complexos que criamos, mas também ligados pela consciência de missão nova, que dará o sentido definitivo do nosso destino.

O Brasil quer somente o que êle merece. Não há homem do povo, por mais simples que seja, que não tenha, para as nossas angústias e amarguras, uma receita caseira. Espantoso é que os remédios coincidem e que a receita está certa. O povo tem a intuição, que lhe é emprestada pelas nossas tradições cristãs, de que só viveremos, na serenidade de uma verdadeira paz social, se o Brasil fôr uma democracia integral, humana, na qual, respeitando-se a dignidade do homem, se estabeleça a justiça social que tenha a autenticidade que lhe é dada pela Igreja. A democracia que Roma aconselha e prega, tem o sentido vertical que é o da Igreja, não podendo ter pendores pelos lados, da direita ou da esquerda. Discutindo os nossos problemas, em termos relativos, laterais, desviamo-nos da posição que qualquer caboclo sabe, por intuição, que não pode deixar de ser a nossa, estamos apenas experimentando audaciosa e enganosa terapêutica, quando o remédio está no fundo de cada quintal. Por isso é que o povo está aflito, está com medo, mas não quer pensar no desespero, **porque tem fé, porque acredita no Brasil, porque se recusa a não acreditar no Brasil.**

No drama nacional, drama pungente, o Paraná tem um papel para desempenhar, e a marcação dêste papel deve ser feito hoje, e exatamente da tribuna de uma Universidade amadurecida e democrática, que orienta e modela moços de todos os quadrantes do Brasil.

Destruído o paranismo ingênuo e negativo, quando o Paraná vive o ciclo definitivo da sua economia, criemos um paranismo nôvo, dirigido em todos os sentidos, para fora das nossas fronteiras que são infinitas para agasalharmos todos os brasileiros, como nossos irmãos, e que serão infinitas para levarmos ao povo do Brasil a nossa pregação, com as garantias daquilo que hoje representamos, na comunhão nacional.

O Paraná é moço, com tôda a pujança de uma mocidade que não se conformará em deixar de ser jovem. Tem uma Universidade que se orgulha em manter vivo o espírito de pioneirismo que herdamos, voltada para os interêsses do povo. Não se conforma, porque não pode mais viver num conformismo humilhante, em ser apenas espectador das grandes campanhas políticas nacionais, e muito menos há de se conformar em ser, em qualquer outra vez, acomodado nas carretas de bagagens, porque só nos respeitaremos se estivermos presentes nas linhas da mais alta responsabilidade.

E' chegado o momento, neste dia do Paraná, e da sua Universidade cinquentenária, de proclamarmos que é nosso dever que parta daqui uma campanha de integração, que leve pelo Brasil inteiro um evangelho cívico, que seja autêntico, simples, sincero e corajoso. O povo vai nos compreender e nos dará, pela manifestação livre da sua vontade, aquilo a que o Paraná tem direito, um lugar da maior proeminência nos Conselhos da República, pelo nosso devotamento e para o bem do Brasil.

A Universidade acredita no Paraná, tanto quanto na ação administrativa e no descortino político de V. Excia., Senhor Governador, e por isso já lhe confere uma carta universitária de confiança, que passamos a ler e a entregar a V. Excia., e que lhe dará, além de assento permanente nesta Assembléia, o comando da nossa nova bandeira de luta, e assim fazemos evocando a memória daqueles que, por terem tido fé e coragem, criaram a nossa Universidade para dela surgir, em triunfo, o Paraná atuante.